

Mark Twain

As aventuras de

**TOM
SAWYER**





Mark Twain

As aventuras de

TOM SAWYER

Tradução
Karla Lima



Principis

Esta é uma publicação Principis, selo exclusivo da Ciranda Cultural
© 2019 Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda.

Traduzido do original em inglês
The Adventures of Tom Sawyer

Produção e projeto gráfico
Ciranda Cultural

Editora
Michele de Souza Barbosa

Revisão
Angela Helena Viel
Fernanda R. Braga Simon

Tradução
Karla Lima

Imagens:
FILINdesign/Shutterstock.com;
Dmitriy Babakin /Shutterstock.com;
Mott Jordan/Shutterstock.com;

Preparação
Laura Fogueira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

T969a	Twain, Mark As aventuras de Tom Sawyer / Mark Twain ; traduzido por Karla Lima. - Jandira, SP : Ciranda Cultural, 2019. 224 p. : il. ; 16cm x 23cm. ISBN: 978-85-943-1875-6 1. Literatura americana. 2. Literatura infantil. I. Lima, Karla. II. Título. 2019-1259	CDD 810 CDU 821.111(73)
-------	--	----------------------------

Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura americana 810
2. Literatura americana 821.111(73)

1ª edição revista em 2020

www.cirandacultural.com.br

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, arquivada em sistema de busca ou transmitida por qualquer meio, seja ele eletrônico, fotocópia, gravação ou outros, sem prévia autorização do detentor dos direitos, e não pode circular encadernada ou encapada de maneira distinta daquela em que foi publicada, ou sem que as mesmas condições sejam impostas aos compradores subsequentes.



Capítulo 1	7
Capítulo 2	15
Capítulo 3.....	21
Capítulo 4	28
Capítulo 5.....	38
Capítulo 6	43
Capítulo 7	54
Capítulo 8	60
Capítulo 9	65
Capítulo 10	72
Capítulo 11.....	78
Capítulo 12.....	83
Capítulo 13.....	88
Capítulo 14	96
Capítulo 15.....	102
Capítulo 16.....	107
Capítulo 17.....	116

Capítulo 18	120
Capítulo 19.....	129
Capítulo 20	132
Capítulo 21.....	137
Capítulo 22.....	144
Capítulo 23.....	147
Capítulo 24	154
Capítulo 25.....	156
Capítulo 26.....	163
Capítulo 27.....	171
Capítulo 28.....	174
Capítulo 29.....	177
Capítulo 30	184
Capítulo 31.....	193
Capítulo 32.....	202
Capítulo 33	206
Capítulo 34.....	216
Capítulo 35.....	219
Conclusão.....	224

Capítulo 1

– TOM!

Nenhuma resposta.

– TOM!

Nenhuma resposta.

– Mas onde é que se enfiou aquele menino, isso é que eu queria saber. Ô TOM!

Nenhuma resposta.

A velha senhora baixou os óculos e por cima deles observou o quarto; em seguida suspendeu os óculos e olhou por baixo deles. Ela raramente ou nunca procurava *através* das lentes uma coisa tão pequena quanto um garoto. Aquele era o par preferido, seu maior orgulho, feito para ter “estilo”, não utilidade; ela enxergaria igualmente bem através dos queimadores do fogão. Ela pareceu perplexa por um momento e depois falou, não com raiva, mas ainda assim alto o suficiente para que até os móveis ouvissem:

– Bem, se eu puser as mãos em você, eu vou...

Mas ela não terminou, porque agora estava se curvando e espetando debaixo da cama com a vassoura e precisava de fôlego para acompanhar o ritmo dos movimentos. Não conseguiu desentocar nada além do gato.

– Eu sempre perco o rastro daquele menino!

Ela foi até a porta aberta e ficou parada ali, olhando para os tomateiros e as figueiras-bravas que formavam o jardim. Nada do Tom. Então, ergueu a voz de um modo calculado para atingir grandes distâncias e gritou:

– Ô Toooooom!

Houve um ligeiro ruído vindo de trás, e ela se virou bem a tempo de surpreender o garoto na curva, interrompendo, assim, a fuga dele.

– A-há! Eu deveria ter pensado naquele armário. O que você estava fazendo lá dentro?

– Nada.

Mark Twain

– Nada! Olhe para suas mãos. E para sua boca. O que é isso?

– Eu não sei, tia.

– Pois eu sei. É geleia, isso é que é. Eu já falei quarenta vezes que, se você não deixasse a geleia em paz, eu te arrancava o couro. Passa para cá essa vara.

A vara assoviou no ar. O risco era iminente...

– Oh! Olha para trás, tia!

A velha senhora se virou, levantando um apanhado da saia contra algum possível perigo. No mesmo instante, o malandro deu no pé, escalando a cerca alta de tábuas e desaparecendo atrás dela.

Por um momento, tia Polly ficou imóvel, surpresa, e depois deu uma risada suave.

– Ah, esse menino. Será que eu nunca aprendo? Ele já não me enganou desse jeito vezes suficientes pra que eu fosse mais atenta, a esta altura? Mas burros velhos são os maiores burros que existem. E cachorro velho não aprende truque novo, como diz o ditado. Mas, minha nossa, ele nunca dá um golpe duas vezes do mesmo jeito, então como eu posso adivinhar como vai ser? Ele parece que sabe exatamente quanto pode me irritar antes que eu fique brava de verdade e sabe que, se atrair minha reação ou me fazer rir, vai tudo por água abaixo e eu não vou ser capaz de dar nem um safanão. Eu não estou cumprindo minha obrigação com o menino, essa é a verdade, Deus está vendo. “Quem não usa a vara odeia seu filho”, como diz no Livro Sagrado. Estou acumulando pecado e sofrimento para nós dois, bem sei. Ele tem o diabo no corpo, mas o Senhor está comigo! É filho da minha falecida irmã, e não tenho coragem de açoitar o pobrezinho. Toda vez que o deixo escapar, minha consciência me dói muito e, toda vez que bato nele, meu velho coração fica em pedaços. “O homem, nascido da mulher, é de poucos dias e muitas atribulações”, como dizem as Escrituras, e eu concordo. Agora ele vai ficar farreando a tarde inteira, e eu serei obrigada a fazê-lo trabalhar amanhã como castigo. É muito difícil forçá-lo a trabalhar em um sábado, quando todos os outros meninos estão de folga, mas ele odeia trabalhar mais do que odeia qualquer outra coisa, e eu preciso colocar em prática ao menos uma parte do meu dever pra com ele, do contrário serei a destruição dessa criança.

Tom realmente ficou na farra e se divertiu muito. Quando voltou para casa, mal deu tempo de, antes do jantar, ajudar Jim, o negro, a serrar a lenha para o dia seguinte e parti-la em gravetos; ao menos, ele voltou a tempo de contar suas aventuras a Jim enquanto este fazia três quartos do trabalho. O irmão mais novo de Tom (ou melhor, seu meio-irmão), Sid, já tinha terminado sua parte do trabalho (recolhendo as lascas), pois era um menino tranquilo, sem modos aventureiros nem encrenqueiros.

Enquanto Tom jantava, roubando torrões de açúcar sempre que a oportunidade surgia, tia Polly fazia perguntas profundas e cheias de segundas intenções, pois queria apanhá-lo em revelações comprometedoras. Assim como acontece com muitas pessoas de alma e coração simples, ela acreditava ter um talento todo especial para o segredo e a diplomacia e se orgulhava de suas manobras óbvias como se fossem maravilhas da astúcia. Disse ela:

- Tom, fez calor na escola hoje, não fez?
- Sim, senhora.
- Um calorão, não foi?
- Sim, senhora.
- E você não quis ir nadar, Tom?

Uma pontada de receio atravessou Tom, como um toque de suspeita desconfortável. Ele analisou o rosto da tia Polly, mas a expressão dela não lhe revelou nada. Então, ele respondeu:

- Não, senhora. Bem, não muito.

A velha senhora esticou a mão até tocar na camisa de Tom e falou:

- Mas agora você não está muito quente.

Tia Polly ficou envaidecida ao pensar que havia descoberto que a camisa estava seca sem que ninguém soubesse que era justamente isso que ela tinha em mente. Mas Tom havia entendido muito bem, tanto que se antecipou ao que poderia ser o próximo movimento dela:

- Alguns de nós molhamos a cabeça. A minha ainda está úmida, vê?

Tia Polly ficou aborrecida por ter deixado escapar aquele detalhe evidente e perdido a jogada. Mas depois ela teve uma nova inspiração:

- Tom, só para molhar a cabeça você não precisou retirar o colarinho que eu costurei na camisa, precisou? Desaboteo o casaco!

A tensão no rosto de Tom se dissipou. Ele abriu o casaco. O colarinho da camisa estava perfeitamente costurado.

– Que diacho. Está bem, vou acreditar. Eu tinha certeza de que você havia farreado e dado uns mergulhos. Reconheço que você é mais bonzinho do que aparenta. Eu te perdoo, Tom. Desta vez!

Em parte, ela lamentava que sua sagacidade houvesse falhado; em parte, estava grata por Tom ter sido obediente ao menos uma vez.

Mas aí Sid falou:

– Bom, eu achava que a senhora tinha costurado o colarinho com linha branca, mas esta é preta.

– Ora, mas eu costurei com linha branca! Tom!

Mas Tom não esperou pelo resto. Passando pela porta, ele disse:

– Sid, eu vou te pegar por essa.

Estando em um lugar seguro, Tom examinou as lapelas do casaco e as duas grandes agulhas presas nelas: uma tinha linha branca enfiada, a outra tinha linha preta. Ele falou:

– Ela nunca teria reparado se não fosse o Sid. Com os diabos! Às vezes ela costura com linha branca e, às vezes, com preta. Poxa, eu queria que ela usasse sempre uma ou outra, não consigo dar conta de duas. Mas pode apostar que vou pegar o Sid por isso. Ele vai ver!

Tom não era o Garoto Modelo do vilarejo. Mas conhecia muito bem quem era e o detestava.

Dois minutos depois, ou até menos, ele já havia esquecido todos os problemas. Não porque seus problemas fossem menos pesados ou difíceis para ele do que os de um adulto são para eles, mas porque, por ora, um interesse recente e poderoso os tinha afastado de sua cabeça, tal como os infortúnios de um adulto também são esquecidos diante do entusiasmo com novas empreitadas. O interesse recente era uma novidade valorizada no mundo dos assobios, que ele havia acabado de aprender com um garoto negro e que estava difícil conseguir praticar sem ser incomodado. Consistia de um floreio peculiar imitando um pássaro, um tipo de gorjeio líquido produzido pelo toque da língua no céu da boca a curtos intervalos no meio da música. O leitor provavelmente se lembra de como fazer se alguma vez na vida já foi um garoto. Com diligência e atenção, ele rapidamente pegou o jeito e caminhou pela rua abaixo com

a boca cheia de harmonia e a alma cheia de gratidão. Sentia-se como um astrônomo, quando descobre um novo planeta; porém, sem sombra de dúvida, no que se refere a um prazer intenso, profundo e completo, a vantagem estava com o garoto, não com o astrônomo.

O entardecer de verão durava bastante. Ainda não estava escuro. Tom estava conferindo seu assobio. Havia um estranho à sua frente: um garoto um pouquinho maior do que ele. Um recém-chegado de qualquer idade ou sexo era uma curiosidade muito impressionante na acanhada vila de São Petersburgo. E o garoto estava bem-vestido, também. Bem-vestido em um dia de semana. Isso era um verdadeiro espanto. A boina dele era uma coisa delicada, usava um casaco azul-marinho de botões novo e elegante, assim como as calças. Ele estava calçado, e ainda era sexta-feira. E usava até uma gravata, um pedaço de fita brilhante. O ar de cidade grande do garoto revirou as entranhas de Tom. Quanto mais Tom observava aquela maravilha esplendorosa, mais empinava o nariz para tanta finura e mais humildes suas próprias roupas pareciam se tornar. Nenhum dos dois abriu a boca. Quando um se mexia, o outro se mexia; mas só de lado, em círculo. Por todo o tempo eles mantiveram o cara a cara e o olho no olho. Finalmente, Tom disse:

- Eu consigo te bater.
- Gostaria de ver você tentar.
- Eu bem que posso.
- Não pode.
- Posso, sim.
- Pode nada.
- Eu posso.
- Não pode.
- Posso!
- Não pode!

Uma pausa incômoda. Depois, Tom falou:

- Qual é teu nome?
- Acho que não é da sua conta.
- Mas eu posso fazer ser.
- Então, por que não faz?
- Se você falar demais, eu vou mesmo.

Mark Twain

- Demais, demais, demais. E agora?
 - Ah, você se acha muito esperto, não é? Eu podia te bater com uma mão amarrada nas costas se eu quisesse.
 - Então por que não bate? Você diz que consegue.
 - Vou bater mesmo se você se meter a besta.
 - Ah, claro, já vi famílias inteiras com essa mesma fixação.
 - Espertinho! Você se acha, né? E olha esse chapéu!
 - Se não gosta, pode derrubar. Eu te desafio a empurrar a minha boina. E qualquer um que ouse vai se dar mal.
 - Você é um mentiroso!
 - E você é outro.
 - Você é um lutador de mentira e não aguenta o tranco.
 - Ah, vai passear!
 - Se você continuar sendo metido, vou jogar uma pedra na sua cabeça.
 - Ah, claro que vai.
 - Vou mesmo.
 - Por que não atira, então? Para que continua dizendo que vai? Por que não atira e pronto? É porque você está com medo.
 - Não estou.
 - Está.
 - Não estou!
 - Está!
- Outra pausa, mais olho no olho raivoso e mais movimentos laterais. Agora eles estavam ombro com ombro. Tom falou:
- Vai embora daqui!
 - Vai você!
 - Não vou.
 - Nem eu.
- E assim eles ficaram, cada qual posicionando um pé em ângulo como uma escora, ambos pressionando com força e vontade, encarando-se com ódio. Mas nenhum dos dois conseguia obter uma vantagem. Depois de se enfrentarem até ficarem suados e corados, cada um foi cautelosamente aliviando a pressão, e Tom disse:
- Você é um covarde e um fedelho. Vou falar de você para o meu irmão mais velho, e ele vai acabar com a tua raça usando só o mindinho, e eu vou dizer pra ele fazer isso mesmo.

– E eu lá quero saber do seu irmão mais velho? Eu tenho um irmão maior ainda e ele consegue atirar o seu por cima daquela cerca ali.

Ambos os irmãos eram imaginários.

– Isso é mentira.

– Você dizer que é mentira não faz virar mentira.

Com o dedão do pé, Tom desenhou um risco na poeira no chão e falou:

– Eu te desafio a pisar na linha, e daí vou te bater tanto que você não vai conseguir ficar de pé. Quem se atrever vai ser enforcado igual um ladrão de ovelhas.

O garoto recém-chegado imediatamente pisou e disse:

– Você falou que faria, então agora vamos ver.

– Não vem provocando, fica esperto.

– Bom, você falou que me bateria. Por que não bate, então?

– Mas com a breca, por dois centavos eu vou mesmo!

O garoto novo tirou do bolso duas grandes moedas de cobre e as exibiu com um riso zombeteiro. Tom as atirou ao chão. No momento seguinte, os dois estavam rolando engalfinhados na poeira, atacadados como gatos; pelo intervalo de um minuto, eles puxaram os cabelos e rasgaram as roupas um do outro, socaram-se e arranharam-se mutuamente no nariz e se cobriram de pó e glória. A agitação tinha tomado forma, e na confusão da batalha surgiu Tom, montado sobre o novato, socando-o com os pulsos.

– Grita “chega”! – ele dizia.

O garoto lutava para se libertar. Estava chorando. Principalmente de raiva.

– Grita “chega”! – e a saraivada de golpes continuava.

Finalmente, o recém-chegado grunhiu um sufocado “Chega!”, e Tom o soltou, dizendo:

– Agora você aprendeu a lição. Da próxima vez, é melhor prestar atenção e ver bem com quem está se metendo.

Mark Twain

O novato se afastou espanando a poeira das roupas, entre soluços e fungadas, às vezes olhando para trás e balançando a cabeça em ameaça ao que faria com Tom “da próxima vez que o pegasse”. Em resposta, Tom soltou umas vaias, depois ficou de pé e se pôs em marcha em grande forma mas, assim que virou de costas, o garoto novo apanhou uma pedra, atirou e acertou entre os ombros de Tom, saindo imediatamente em disparada, como um antílope. Tom perseguiu o traidor até em casa, assim descobrindo onde ele morava. Durante algum tempo, ele fincou posição junto ao portão, desafiando o inimigo a sair, mas o inimigo se limitou a fazer caretas por trás da janela e se recusou. No fim, a mãe do inimigo apareceu e chamou Tom de criança má, mal-educada e selvagem e o mandou embora. De modo que ele foi embora, mas afirmou que tinha se rebaixado para ficar na mesma altura que o outro.

Ele chegou em casa bem tarde naquela noite e, ao trepar cuidadosamente na janela, descobriu uma emboscada na forma de sua tia. Quando ela viu o estado das roupas dele, a decisão de transformar o sábado de folga em trabalho como castigo se tornou dura como diamante.

Capítulo 2

A manhã de sábado tinha chegado, e o verão deixava o mundo brilhante e bem-disposto, resplandecendo de vida. Havia uma música em cada coração; se o coração era jovem, a música escapava pelos lábios. Havia contentamento em todos os rostos e jovialidade em cada passo. As árvores às margens do lago tinham florescido, e a fragrância das flores enchia o ar. A Colina Cardiff, além do vilarejo, estava verdejante e ficava longe apenas o suficiente para parecer uma terra de deleites: sonhadora, repousante e convidativa.

Tom surgiu na calçada com uma bacia de cal e uma brocha de cabo longo. Quando ele examinou a cerca, toda a gratidão desapareceu e uma profunda melancolia se instalou em seu espírito. Quase trinta metros de cerca, com tábuas de mais de dois metros e meio de altura. A vida lhe pareceu vazia, e a existência nada mais que um fardo. Suspirando, molhou a brocha e a deslizou pela parte superior da madeira; repetiu a operação; fez tudo de novo; comparou o insignificante trechinho já caído com toda a extensão da cerca ainda por cobrir e desabou em um canteiro, desanimado. Jim chegou saltando o portão, trazendo um balde de estanho e cantarolando “Buffalo Gals”¹. Trazer a água desde a bomba no centro da vila sempre tinha parecido a Tom, antes, uma tarefa horrorosa, mas agora não, pois ele lembrou que perto da bomba havia gente. Garotas e garotos brancos, mulatos e negros estavam sempre por ali aguardando a vez, descansando, negociando brinquedos, discutindo, brigando, aprontando. Ele lembrou também que, embora a bomba ficasse a menos de cento e quarenta metros de distância, Jim nunca voltava com a tina de água em menos de uma hora e, mesmo assim, geralmente alguém tinha de ir atrás dele. Tom falou:

– Jim, que tal se eu carregar a água e você cair um pouco?

Jim balançou a cabeça e respondeu:

¹ Canção lançada em 1844 e popular em todo o país na época. (N.R.)